

RÁDIOS LIVRES NAS COMUNIDADES RURAIS DOS ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA DO MUNICÍPIO DE ARARAQUARA

Licia Nara FAGOTTI¹

O estudo que estou desenvolvendo busca entender a relação entre o fenômeno da emergência das chamadas rádios livres nas comunidades rurais, e dessa forma as mudanças nas relações sociais que esse meio midiático provoca nesse ambiente em particular.

Fazendo uma rápida retomada do contexto de surgimento, as rádios livres, a exemplo do que acontece no mundo, começam a se proliferar nas principais capitais brasileiras a partir da década de oitenta no contexto de mudanças radicais que vinham acontecendo no mundo. No Brasil o contexto político institucional era do fim do regime militar seguido pelo chamado processo de redemocratização que recolocava dentre outras a liberdade de expressão. Período sucedido pelo fim da chamada "sociedade do trabalho" ou "centralidade do trabalho regulado" em que fatores de ordem subjetiva ganham conotação privilegiada no desenvolvimento da formação de identidade (OFFE, 1985).

Neste contexto, as rádios livres e comunitárias surgem e se desenvolvem ameaçando o controle dos meios de comunicação e propondo radicalmente a democratização da informação. São ações independentes que "correm por fora" do Estado e em princípio também de interesses corporativos. São alternativos na medida em que construídos e submetidos simultaneamente ao jogo do mercado e a validação e legitimação por parte da sociedade (GORZ, 2003).

Como se sabe o rádio é meio de comunicação privilegiado em sociedades agrícolas ou rurais, sendo em alguns casos o único veículo de informação de agricultores. Tem baixo custo, é de fácil acesso e permite uma proximidade maior com os ouvintes, considerando que o locutor fala diretamente com os espectadores usando uma linguagem coletivamente produzida provocando sentimento de "pertencimento" em quem ouve. A comunicação via rádio nas sociedades rurais e no meio agrícola é ainda mais complexa representando uma espécie de "micro-mundo", dado o distanciamento físico de centros urbanos a normalmente baixa escolaridade, a rotina e tipo de organização do trabalho mais ou menos isolado típico das sociedades rurais. O Censo de 2006 realizado pelo IBGE constatou que 39% dos

¹ Graduanda em Ciências Sociais. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901- licianara@hotmail.com

Rádios livres nas comunidades rurais dos assentamentos de reforma agrária do município de Araraquara

agricultores entrevistados não tinham frequentado a escola e 43% não possuíam ensino fundamental completo.

Sendo assim, busco estudar e entender a formação de redes de comunicação organizadas horizontalmente em assentamentos de reforma agrária de Araraquara. Busco neste estudo, entender a formação das "redes" e das "convenções", em suma, das instituições que permitem ações cooperadas que se cristalizam no âmbito do território (BAGNASCO, 1999). Também do que Gorz (2003) chama de "cooperação subjetiva" que em essência, faz parte das rádios comunitárias. Essa cooperação acontece na relação dialética entre o espaço de quem produz as informações e no espaço de quem consome essas informações. A "cooperação subjetiva" está contida nas rádios livres, que sendo forma alternativa de comunicação se insere no campo afetivo e linguístico aliada a um sentido político que as organiza (HARDT; NEGRI, 2001).

A comunicação comunitária, ou livre se realiza por meio da participação e do compromisso com a comunidade tendo como objetivo identificar e transmitir os interesses da comunidade em que está inserida. Presta serviço dando informes, avisos, campanhas, dentre outros; em geral, assuntos voltados diretamente à comunidade. São mensagens que incentivam a participação dos moradores na solução de seus problemas. Valoriza a cultura local resgatando a história, tradições, e informando sobre festas e eventos, etc. De modo geral é uma comunicação horizontal, ou mais democrática.

O desenvolvimento rural, e as mudanças neste meio acontecem no contexto das transformações que desencadearam as rádios livres. O agricultor é, portanto ativo neste processo, pois, ao consumir a mídia constrói significados, negocia valores e, ao fazê-lo, torna o mundo significativo (SILVERSTONE, 2002), e, produz e consome ao mesmo tempo.

Estou trabalhando dados estatísticos e estabelecendo paralelo com as mudanças no *ethos* dessas comunidades rurais após a emergência das rádios livres na década de 80. Busco entender as transformações nestas comunidades e como seus valores se relacionam tanto com a produção e a comercialização de produtos locais quanto tais valores se cristalizaram em produtos que agora estão disponíveis no mercado contendo este conhecimento produtivo.

Pesquisa do IBGE de 2007 diz que 48,7% dos municípios brasileiros possuem rádios comunitárias, 34,3% tem rádios FM e 21,2% tem AM. Isso justifica a importância de pensar o papel das rádios comunitárias no Brasil, e especificamente nas comunidades rurais, e em assentamentos de reforma agrária como estes que estou investigando. Para além de dados

Rádios livres nas comunidades rurais dos assentamentos de reforma agrária do município de Araraquara

quantitativos, é importante entender a troca e por consequência a mudança de valores que a presença das rádios comunitárias provoca nas comunidades rurais.

A pesquisa está inserida no âmbito do grupo de trabalhos coordenados pelo professor Ricardo Campos. Trata-se de trabalho ainda em fase inicial, mas que vem sendo discutido em ambientes científicos como o Congresso de Iniciação Científica da UNESP, e que já produziu resultados objetivos como o papel do ouvinte/ produtor de comunidades rurais em assentamentos de Reforma Agrária de Araraquara.

REFERÊNCIAS

BAGNASCO, A. Desenvolvimento regional, sociedade local e economia difusa. In: COCCO, G.; URANI, A.; GALVÃO, A. P. (Org.). **Empresários e empregos nos novos territórios produtivos: o caso da terceira Itália**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

GORZ, A. L. **Immateriale: conoscenza, valore e capitale**. Torino: Bollati Boringhieri, 2003.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 05 jun. 2012.

HARDT, M.; NEGRI, A. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

OFFE, C. **Capitalismo Desorganizado**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.